

OS BASTIDORES DO DIÁRIO DE LÚCIO CARDOSO

Adriana Saldanha Guimarães
FCRB

Em setembro de 2002, Lúcio Cardoso fará 34 anos de morte e ainda são poucos os livros reeditados. Um escritor, de tal importância e com tanta riqueza literária, não tem atenção merecida por parte da crítica e nem dos editores. Autor de novelas como *Inácio*, *Mãos Vazias*, *A Professora Hilda*, e dos romances *Maleita*, *Dias Perdidos*, *A Luz no Subsolo*, *Salgueiro*, *O Viajante* e *Crônica da Casa Assassinada*, obras que marcaram sua entrada no rol dos grandes escritores da literatura brasileira. Além de escritor, Lúcio deixou sua marca em diversas áreas do meio cultural. No cinema, como roteirista e co-produtor de *Almas Adversas* e *A Mulher de Longe*, dessa vez também como diretor. No teatro, além de escrever algumas peças, foi o criador do Teatro de Câmera. Nas artes plásticas como pintor. Mas cadê Lúcio Cardoso?

Uma das obras que ainda esperam reedição é seu *Diário Completo*. Lúcio, durante muito tempo, paralelamente à produção de sua ficção, registrou suas reflexões, idéias e lembranças. Através do seu Diário podemos ter idéia do espaço que ocupava, com quem se relacionava, dos livros que lia, das questões da vida e da sua relação atormentada com a escrita. Aí se traça a trajetória literária de uma época.

No momento preparo uma nova edição ampliada, com texto cuidadosamente fixado, do Diário de Lúcio Cardoso, uma vez que a edição de 1970, há muitos anos esgotada, embora tenha o título de Diário Completo não abrange todos os manuscritos guardados no arquivo do escritor. A pesquisa tem como base o levantamento das peças do arquivo, ou

seja, o trabalho com documentos, manuscritos ou não, que pertencem a herança deixada deste escritor.

A importância do Arquivo

Há pouco tempo, a literatura só era vista a partir do que era produzido e registrado em livro ou periódico. Hoje, a noção de obra não se limita mais aos livros publicados, abrange outros textos do autor. Ou seja, trabalha-se também com rascunhos, textos incompletos e outros documentos, que por algum motivo não saíram “das gavetas”. Através da leitura desses documentos podemos elucidar um pouco mais os caminhos percorridos, não só pelo escritor como também pela história da literatura brasileira. Lúcio Cardoso, em seu acervo, nos deixou algumas preciosidades e algumas pistas de suas obras literárias.

A intenção da pesquisa em arquivos é percorrer os caminhos, os já percorridos e outros possíveis. Trabalhar com documentos que, por muito tempo, não foram considerados importantes para a literatura. Principalmente aqui no Brasil, não há uma tradição em fazer uma leitura crítica de um autor a partir de documentos encontrados em seu acervo.

O documento, segundo Foucault, é um objeto de trabalho arqueológico, um “monumento” que é para ser desmontado, para ser analisado. O olhar arqueológico é rastreador, de detetive. O pesquisador diante de um arquivo: recorta, desmonta, revê as diversas facetas e deixa a sua marca. Vale dizer que não existem verdades, apenas interpretações. Foucault legitima os recortes diante da impossibilidade de se falar de tudo. Antes de mais nada, temos que considerar a fragilidade do Arquivo. Um arquivo nunca é completo, mesmo que se reúnam todos os documentos de um escritor, sempre faltará alguma coisa. Quando se fala em arquivo não se supõe apenas a preservação das escrituras mas a possibilidade de seu apagamento. O próprio conceito de arquivo se fundamenta numa

contradição e supõe diferentes formas de violência: de um lado, porque a memória está constantemente ameaçada e o arquivo é sempre precário e, de outro porque a própria atividade de arquivar nasce da consciência da amnésia.

Preparando a cena: Lúcio e o Diário

Para entrar no universo cardosiano, resolvi reler uma parte da obra de Lúcio Cardoso. O interessante foi notar, como a produção intelectual deste escritor, segue os mesmos temas. Muitas vezes tive a impressão que as histórias se repetiam, pois as angústias dos personagens são quase sempre as mesmas. Essas mesmas questões, angústias e segmentos são também pautadas em seus Diários. A obra de Lúcio Cardoso é como uma grande teia, seus romances, novelas e até o Diário, fazem parte de um mesmo conjunto. Um dos temas que mais me chamou atenção foi o da Morte. Lúcio Cardoso, a todo tempo, como uma obsessão, refere-se à morte, em todos os seus escritos. Em todos esses romances relidos, faz sempre uma menção a este tema, chega mesmo a reservar alguns capítulos para a descrição da morte. Como a leitura foi realizada por ordem cronológica pude observar que na obra seguinte, sempre ao recorrer ao tema da morte, esta acabava ganhando mais peso. No seu último romance, inacabado, *O Viajante*, Lúcio Cardoso chegou a criar um personagem que era fazedor de caixões. Em seu Diário, a obsessão pela morte é bem marcante.

Seguindo o meu objeto de pesquisa, meu segundo passo, foi reunir e ordenar os documentos referentes ao Diário. Material levantado no Acervo de Lúcio Cardoso, que encontra-se no Arquivo-Museu de Literatura da Casa de Rui Barbosa. O trabalho foi facilitado por já existir um livreto organizado, *O Inventário do Arquivo de Lúcio Cardoso* e, de uma certa forma, também pela organização do acervo. Revi as pastas da produção

intelectual do escritor. Revi com mais acuidade, procurando sinais, talvez não percebidos por quem organizou o arquivo, que lembrassem a escritura de um Diário.

Diante deste material inventariado, cuidei de organizá-lo de forma que facilitasse o meu trabalho. Uma tarefa bastante minuciosa, já que no arquivo, não se encontram partes inteiras, e sim pedaços, alguns organizados e outros misturados, muitos faltando. Todo arquivo é como um quebra cabeça a ser montado e desmontado. Fiz um primeiro cotejamento, da edição já publicada do Diário com o que foi encontrado de original em seu acervo; encontrei inúmeras dificuldades. Tive que procurar a correspondente a cada página localizada no acervo do Diário já publicado. Muitas vezes, observava mudanças no corpo do texto, rasuras e até mesmo cortes bruscos e datas modificadas. O que foi efetivamente identificado? Dois originais datilografados, um com observações e alguns cortes.. Uma mesma cópia datilografada, sem comentários e sem notas. Alguns cadernos, com entradas de diário, manuscritos, letra legível, quase sem rasuras e outros manuscritos, folhas soltas, bem legíveis. Mas, no meio de tantos papéis, encontrei, também, alguns gastos pelo tempo, prejudicados na sua legibilidade.

A forma por mim escolhida de desenvolver o trabalho desdobra-se em etapas. Primeiro, datilografei os inéditos em forma de diário, as partes de 1942 a 1947 encontradas, já revisadas por mim. Um material extenso, já que contabilizei 231fls. Junto a estes fragmentos há uma nota introdutória datada de 1957, na qual o escritor reafirma a intenção de publicar esta parte do diário: *“quando essas anotações foram primeiro tomadas, havia a intenção firme de uma publicação posterior integral e sem qualquer retoque na sua redação instantânea, quase sempre propositadamente bárbara”*. O tempo passou e ele mesmo percebeu ser insustentável a sua idéia de início. *“as anotações eram desnecessariamente volumosas, e muitas vezes – quer por deliberada selvageria, quer por*

inépcia – tão mal escritas que seria simplesmente estupidez publicá-las assim”. Era preciso fazer uma revisão, reduzir o volume, repensar algumas idéias que não se sustentavam mais.

O que surpreende é o fato de Lúcio Cardoso ter organizado essas anotações incluindo até mesmo uma nota introdutória e nunca tê-las publicado. A própria nota, ao mesmo tempo que prepara esta parte para uma futura publicação, nega a viabilidade da mesma, uma vez que revela ser impossível publicar sem alterar o estilo e as idéias originais. Será que foi por este motivo que Lúcio abandonou a intenção de publicá-las? Ou por esperar encontrar um editor ideal? Lúcio dedica esta parte do diário: “*Aos homens de boa vontade*”. É possível fazer uma leitura de que Lúcio almejava um editor que fosse capaz de ler os fragmentos sem criticar ou alterar o estilo, mantendo o material na forma em que se encontrava. Provavelmente, o editor que Lúcio desejou não existia. Hoje, a dedicatória ainda se referindo à procura de um editor poderia ganhar um novo sentido. O da expectativa de um pesquisador que respeite, valorize e conserve o material exposto no arquivo. E é este o meu papel como pesquisadora. As anotações, como mencionadas acima, foram digitadas, revisadas e alteradas. No momento de registrá-las, organizando-as como parte de material a ser publicado, várias questões foram sendo anotadas. A todo tempo Lúcio comenta os livros lidos, identificando os autores, e até mesmo se utilizando de fragmentos dos mesmos. O trabalho por mim feito, será de identificar as leituras de Lúcio.

Outros pequenos textos, já foram cotejados, com o original encontrado no acervo, e digitados com as devidas correções: o texto *Pontuação e Prece*, que já havia sido publicado, na edição crítica da *Crônica da Casa Assassinada*. O mesmo cuidado foram tomados e revisados no *Diário de Terror*, que já havia sido editado na revista *Caravelle de Toulouse* em 1985 e no *Diário Proibido*, editado na revista *Senhor* em 1961. De inédito, encontrei o *Diário de Bordo*, quatro folhas de tom azul mais para forte, escritas frente e

verso a lápis, quase sem rasuras. O papel encontra-se em péssimo estado. O trabalho de recuperação do texto foi bastante difícil. Percebi que ao trabalhar com arquivo lidamos com a fragilidade do material.

Agora, continuando o meu caminho nesta árdua pesquisa, me vejo diante do material, o que me dará mais trabalho, devido aos cuidados a serem tomados. E, como já foi mencionado por mim, o quebra cabeça muitas vezes é interrompido na sua construção por não se conseguirem encaixar todas as peças. Mas, como pesquisadora teimosa, sigo as pistas encontradas e, quando não há possibilidade, mudo as peças do quebra cabeça, até encontrar a melhor solução. Se não contente com o resultado, volto a desmontar e remontar o mesmo inúmeras vezes.

Há uma parte do diário publicada, referente aos anos de 1949 a 1962. A primeira foi publicada em 1961 e uma edição ampliada saiu em 1970. A primeira edição intitulada *Diário I* abrange o ano de 1949 a 1951, esta edição foi organizada pelo próprio Lúcio Cardoso. A segunda edição, conhecida como *Diário Completo*, vai até o ano de 1962. Da página 3 até a página 170, é o mesmo texto do *Diário I* e pelo cotejamento das duas edições não há nenhuma modificação. A outra parte, incluída nesta nova edição do *Diário Completo*, as páginas 171 a 304, nomeadas de *Diário II*, já não foram organizadas pelo autor, pelo menos no que tange à edição, pois esta saiu em 1970, e Lúcio Cardoso teve a sua vida interrompida em 1968. Pode-se observar que esta parte do diário, com o cotejamento feito, passou por diversos cortes, mudança de datas e supressão de nomes. Ainda me restam dúvidas de quem realmente organizou esta segunda parte. Mas, provavelmente, alguém ligado ao círculo literário da época, alguém que mantinha importante amizade e conhecimento de Lúcio Cardoso.

Algumas histórias, as dos bastidores, o lado oculto que contorna a cena

O pesquisador tem muitas histórias a contar. O que contorna a cena muitas vezes revela preciosidades. E é com estas preciosidades que o pesquisador completa o seu trabalho. O arquivo se constitui de fragmentos, justaposição de elementos heterogêneos. Isto é o que torna muito interessante a sua leitura no momento em que se encontram outros documentos que tratam da mesma temática. Vou contar algumas histórias:

Uma das preciosidades que me chamou muita atenção foi uma carta de Octávio de Faria a Lúcio:

Achei o seu “Diário”, conforme Helena deve ter contado a você, ótimo, ótimo, ainda mais interessante que o anterior. Urge publicá-lo. Lulu me disse que você gostaria que eu desse alguns “palpites”. Aí vão, com toda sinceridade. Nem de outra forma eles teriam qualquer interesse para você. /(...)/Seguem-se algumas observações ligeiras, feitas ao sabor da leitura – e a confrontar com o texto original. (Nada assinalei no texto datilografado, de modo a que você possa “resolver”, antes) (...)

Octávio de Faria era um grande amigo e conhecedor da obra de Lúcio Cardoso. Aqui creio poder desfazer a minha dúvida, parece ter sido Octávio quem organizou a edição de 1970 do *Diário Completo*. Na época desta carta, Lúcio já tinha tido o derrame e encontrava-se impossibilitado de escrever. Mas não afastado de suas criações literárias. Provavelmente, Lúcio Cardoso participou de uma grande parte da organização do *Diário Completo*; pela carta, vimos que o material já estava datilografado e que foi passado ao amigo Octávio para que este desse alguns palpites. Antes de encontrar esta carta, o que se pensava é que Lúcio só tinha organizado a edição do *Diário I*. Na verdade, ele também participou da organização do *Diário Completo*, mas devido às dificuldades e à chegada da

morte em 28 de setembro de 1968, Octávio acabou finalizando a organização da edição do *Diário Completo*.

Uma outra carta, agora de Murilo Mendes, elogiando o primeiro Diário de Lúcio:

(...) Cercado de trabalho e compromissos de encontros, não disponho de tempo para fazer uma análise do livro. Mando-lhe apenas duas palavras para dizer-lhe a forte impressão que o mesmo me deixou. É claro que não me revelou um escritor e um homem, que tenho o gosto de conhecer desde tantos anos. Confirmou, entretanto, aos meus olhos, este escritor e este homem. Alguém que nada contra a corrente, um inconformista num mundo de maníacos da publicidade, de falsos artistas, de vendidos – Salvo naturalmente as exceções menos numerosas do que seria de desejar. O Diário é o documento de uma personalidade insubornável, humana e sincera ainda nas suas lacunas e fraquezas; alguém corajoso. Aguardo com interesse os volumes subsequentes.(...)

E em seu acervo também encontrei uma folha datilografada em que Lúcio comentava a vontade de publicar seu Diário:

Há muitos anos, desde que empunhei a pena pela primeira vez, que anoto impressões sobre o que sinto e o que acontece comigo e em torno de mim. Nesses primeiros cadernos, vazados numa linguagem exaltada e romântica, o destino encarregou-se deles, pela mão de um ladrão que, supondo existirem jóias na caixa onde os guardava, deve ter tido o desprazer de só encontrar papéis – e papéis que não serviam para nada. Só a partir de 1949, quando aos poucos meti-me numa crise que ameaçou abalar toda a minha vida e meu destino de escritor, comecei a anotar com mais cuidado o que via e o que sentia, no mesmo esforço de quem se agarra a uma tábua de salvação para não naufragar. /(...)/. Alguns leitores fortuitos aconselharam-me a que não publicasse isto, tendo em vista a ma fé geral com que se acolhe publicações desta espécie. Concordei, e retive os cadernos

algum tempo em mãos. Não os retenho mais, exatamente porque me julgo longe da crise que me afetou. Estou longe demais, hoje em dia, para reter-me a esses escolhos que só representam um instante da minha vida.

Nada renego do que aqui disse, se bem que me ache hoje colocado num ponto diferente. Nada renego, e se lanço à publicidade essas pobres folhas, é que imagino que elas tenham sido escritas exatamente para serem publicadas, e não para testemunhar de uma experiência que devesse ficar comigo apenas. (...)

Por enquanto, é com alegria que me lanço ao pasto: não consigo conter nem a fúria, nem o sentimento de poder que me leva a publicar estas páginas.

Vejo esta página como uma relíquia. O escritor de diário quer ser lido. Penso na caixa onde ficavam guardados os cadernos que os ladrões levaram, eles imaginavam ser jóias, mas eram só papéis. Na verdade, para nós leitores, os ladrões levaram a caixa de jóias, os papéis de Lúcio Cardoso. Mas foi com satisfação que pude encontrar em seu acervo as 150 fls datilografadas de diário inédito, referente aos anos de 1942 a 1947. Esta parte não publicada talvez pudesse estar na caixa de jóias. Lúcio guardou-as tanto tempo e só agora, estas preciosidades serão reveladas numa edição mais completa de seu diário.

Para finalizar este passeio pelo arquivo, um olhar na pasta de recortes de jornais, descubro um curioso artigo de Jorge Amado intitulado “Página de Diário sobre um Diário”:

(...)Passo a noite, até a madrugada, lendo o primeiro volume do Diário de Lúcio Cardoso. E quando termino a leitura e consigo dormir, o livro não me abandona, sonho com ele, vejo Lúcio desesperado na praia, às voltas com câmeras de cinema e com seu drama interior.(...). Encontro Lúcio Cardoso, dias depois, numa livraria, em Copacabana, autografando o seu livro. A livraria está cheia, é uma espécie de triunfo, de consagração do escritor. Lúcio, sentado ante a mesa, assinando, parece-me um pouco perdido entre

tanta gente, tanto ruído, tantos abraços. Como um náufrago envolto numa tempestade. Demoro-me um pouco a espiá-lo, ele não sabe direito o que fazer, é a negação de tudo isso, desse ruidoso lançamento.(...). E, de súbito, eu o vejo nos idos de 33 ou 34, um menino, éramos todos, a publicar seu primeiro romance, “Maleita”, que ainda há dois anos reli com tanta emoção. Vejo-o na Schmidt-editor, adolescente, a discutir comigo, cheio de sonhos e esperanças. Naquele tempo, literatura era assunto apenas de alguns, não havia tanta gente e tanto interesse em torno de livros e autores. Mas, vivíamos para literatura, ou seja, vivíamos para a vida de forma ardente e profunda. O romance de Lúcio abalou a crônica literária de então. Não houve quem não compreendesse de imediato estarmos diante de um grande, um desses que constroem a literatura.(...)

Com este artigo, podemos voltar no tempo e redesenhar a cena do lançamento do Diário de Lúcio Cardoso numa livraria de Copacabana. Com certeza, Lúcio Cardoso foi muito mais conhecido na sua época do que hoje em dia. Para começar, quase não encontramos livros de Lúcio nas livrarias

Para fechar a cena, a que conto aqui, ou seja, dos bastidores, volto ao início do espetáculo. Não tenho pretensão de finalizar nada, sou apenas uma leitora e deste olhar curioso aproveito para recolher as preciosidades e com elas completar a cena, reorganizando uma das jóias que Lúcio Cardoso nos deixou: o Diário.